

HIPERTEXTO E HIPERMÍDIA PARA INICIANTE

Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Não é raro que pesquisadores interessados nas novas tecnologias de informação e comunicação percorram livrarias, reais e virtuais, à procura de bibliografia confiável sobre o tema. Estantes apinhadas de livros sobre jornalismo ou linguística, embora pareçam promissoras, oferecem pouco a quem busca trabalhos sérios sobre novas modalidades de comunicação, já que a pesquisa sobre, por exemplo, letramento digital ou webjornalismo é tão incipiente quanto seu objeto de estudo. Diante dessa dificuldade, é muito fácil cair em ciladas. Obras mal-pensadas, mal-organizadas ou de credibilidade duvidosa acabam seduzindo o leitor.

O cenário é sombrio, mas sempre foi assim. Desde a época dos livros manuscritos que há rumores sobre “explosão de informação”. Há muito que a humanidade vem travando contato com informação boa e informação ruim, selecionando, categorizando, organizando e tentando filtrar o que não nasce filtrado. Para aqueles que investem em uma biblioteca particular, não é rara a experiência de comprar um livro e ser surpreendido por bom *design* e bom texto. Assim como não é rara a experiência antagônica: comprar um livro e sentir uma ponta de arrependimento depois de fechar a última página.

Hipertexto, Hiperídia é um desses livros que, pelo título e pelo subtítulo, podem ser muito cobiçados. “As novas ferramentas da comunicação digital” foi uma boa escolha para explicar o título e seduzir o leitor da obra, organizada pela professora Pollyana Ferrari, da PUC-SP e da Unifio.

A editora Contexto, antiga parceira do pesquisador de linguagem e de educação, dá grife ao volume, muito embora algo nas decisões de edição da obra pareça tê-la deixado no meio do caminho entre um livro acadêmico (com textos acadêmicos e para um público-alvo acadêmico) e uma coletânea com jeito de divulgação científica. No final do livro, apresenta-se, simplificadamente, um glossário com termos como: “on-line”, “link” e “mp3”, mas não se explica o que seja “hipertexto”.

Outro incômodo para o leitor: só é possível saber quem são os autores de cada texto no sumário, já que os “capítulos” não acusam seus “donos”. A “turma do xerox”

vai ficar sem referência e, provavelmente, a autoria sempre será atribuída a Ferrari (2007). *Hipertexto, Hiperímia* padece um tanto com tudo isso e com certa pressa na produção do livro. Ainda assim, pode ser do tipo que se torna obrigatório entre as referências bibliográficas dos pesquisadores de novas linguagens.

Pollyana Ferrari não é novata no ramo das edições sobre novas tecnologias. Publicou o bem-sucedido *Jornalismo digital*, também pela editora Contexto, obra na qual explicita alguns conceitos emergentes, como hipertexto e comunicação mediada por computador, além de relatar sua experiência como profissional de uma redação jornalística on-line.

Em *Hipertexto, Hiperímia*, o elenco de autores é formado por pesquisadores jovens, envolvidos quase todos, de fato, com a tecnologia. Dos doze autores, ao menos dois são conhecidos na área de comunicação social, além da própria organizadora. A saudável mistura entre acadêmicos e profissionais termina por dar ao livro uma instabilidade que logo aparece nos textos. Enquanto uns sustentam seus argumentos e suas descrições em uma linguagem “científica”, outros parecem querer se aproximar de um leitor quase leigo no assunto. É esse “desnível” uma das características que deixa *Hipertexto, Hiperímia* “em cima do muro” em relação ao que o livro gostaria de ser. No entanto, esse mesmo “desnível” é a crítica mais comum a toda obra organizada, que dificilmente consegue atingir uma homogeneidade atrativa. Em alguns casos, nota-se uma manipulação pouco cuidadosa de textos que, na origem, devem ter sido dissertações de mestrado ou teses de doutorado. Se houve uma edição de texto que tentasse apagar sua gênese acadêmica, ela não foi às últimas consequências.

Pesquisas e relatos

Os treze textos de *Hipertexto, Hiperímia* apresentam um panorama das possibilidades atuais entre as novas tecnologias de comunicação. A apresentação, assinada pela organizadora, enfatiza os “múltiplos significados e leituras” propostos pela obra. Daí em diante, vai-se percorrendo uma trilha ágil e diversificada, como se o livro quisesse mostrar ao leitor uma espécie de “zapping” das novas tecnologias.

Em “A construção da notícia em tempo real”, Adriana Garcia Martinez (correspondente da Reuters) explica, em linguagem didática e simples, como o modo de produzir notícias mudou em relação às mídias tradicionais. O capítulo começa www.ceale.fae.ufmg.br | ISSN 1981-6847

“conversando” com o leitor, em um animado “Sabe aquela expressão ‘tempo é dinheiro’?”, e termina com uma espécie de “check list” para o jornalista na web.

Em “O uso de e-mail na busca de notícias”, de Bruce Garrison (Universidade de Miami, EUA), há um tom mais acadêmico que dá ao leitor desavisado a impressão de que saiu de um ambiente (o texto anterior) e “caiu” em outro. Garrison apresenta uma pesquisa sobre o uso do e-mail como ferramenta para o jornalista, bem ao modo norte-americano de escrever artigos. A investigação relatada apresenta metodologia, resultados, discussão e conclusão. No final do texto, Pollyana Ferrari assina um box didático sobre o “cenário brasileiro” do uso do e-mail nas redações.

O blog não poderia faltar. André Borges (mestre pela ECA-USP) conta a história do blog, começando pela repisada origem nos “diários adolescentes” e mostrando, com dados e *cases*, como a ferramenta deixou de ser “brincadeira” para se tornar um importante aliado do jornalista. O mesmo acontece ao texto seguinte, de Paulo Henrique Ferreira (consultor de tecnologia), intitulado “Com você, a imprensa móvel”, um registro da história e dos formatos de conteúdo para a telefonia móvel.

O início do livro organizado por Pollyana Ferrari é um convite para que o leitor continue a leitura, espécie de degustação, já que os textos não oferecem grandes obstáculos. Embora isso seja bom para estudantes de graduação que se iniciam na empreitada de estudar novas tecnologias, novas linguagens e novas formas de serem jornalistas, para o pesquisador um pouco mais experiente, a obra parece oferecer, até aqui, apenas retratos aquarelados de um panorama que pode mudar amanhã, se já não mudou hoje. A importância desse tipo de registro contrasta com a tendência que muitas obras atuais apresentam de apenas descrever a paisagem do sistema de mídias atual, sem conseguir oferecer ao leitor um ponto de vista mais autoral ou analítico do que se presencia.

“Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto”, do professor Urbano Nobre Nojosa (PUC-SP), “traz uma análise da articulação do hipertexto como uma linguagem híbrida capaz de se revigorar a partir da superação dicotômica dos interesses da tradição da oralidade e da escrita”. Sobre essas tradições, diz o professor que “ambas criaram estruturas de imaginários sociais decisivos para sistematizar políticas disciplinares e de controle, em que as relações de classe, gênero e ética foram modeladas a partir de seus arquétipos”. Notadamente mais teórico, o texto tenta traçar um raciocínio que quer levar

o leitor das “mediações simbólicas” orais até as hipertextuais emergentes. Para isso, faz referências a Roland Barthes, a Platão e a Deleuze. Antes mesmo de conseguir fazer com que o leitor atravesse a densa cortina de linguagem acadêmico-filosófica do capítulo, Pollyana Ferrari apresenta seu capítulo, intitulado “A hipermídia entrelaça a sociedade”, em que explica como a hipermídia “permite derrubar fronteiras” entre profissões e pessoas. “Comecei a perceber no dia -a- dia que a textura híbrida da hipermídia entrelaçou a sociedade pós-moderna em uma hierarquizada replicação rizomática de Deleuze, que foi capaz de prever a desterritorialização da escrita”. Embora o texto de Ferrari seja escrito na primeira pessoa e faça um link com o mundo cá fora, o diálogo com o professor Nojosa aparece e desaparece tanto nas citações quanto no modo de escrever.

Assim como nos textos precedentes, também em “O jornalista no mundo dos *games*”, de Analu Andrigueti (agência JWT), a história e a descrição de certas tecnologias procuram dar estofamento à reflexão. Juntamente com a paisagem do mundo dos jogos, a autora busca em Lúcia Santaella uma teoria sobre os tipos de leitor que se dedicam à leitura em telas e em novos ambientes. Outro assunto tratado por Andrigueti é a polêmica interatividade, melhor abordada, no entanto, nos textos que ela cita ou mesmo no próximo texto, de Vicente Gosciola (PUC-SP e Senac), autor de “A linguagem audiovisual do hipertexto”. O autor aborda também os games, roteirização e narratividade, com ~~bastante~~ mais cadência e profundidade, os mesmos atributos de “Elementos das narrativas digitais”, da professora Nora Paul (Universidade de Minnesota, EUA), que presenteia o leitor com um detalhado esquema de produção para hipermídia.

“A não-linearidade do jornalismo digital”, texto de Adriane Canan, aborda, brevemente, a ideia de que o roteiro para produções no ciberespaço deve ter algo de específico. Uma colagem de citações de textos e filmes dá ao leitor a sensação de que a autora pensou em voz alta. Diferentemente de Taís Bressane (doutora pela PUC-SP), que trata de questões mais basais das linguagens hipermidiáticas. No texto “Navegação e construção de sentidos”, a autora dá a nota da semiótica às explicações sobre novas tecnologias e suas mediações. Com embasamento teórico em Lemke e outros pesquisadores, Bressane envereda pela construção de sentidos na navegação, aspecto importante da leitura, seja em mídias novas ou velhas.

Para fechar o livro, Edilson Cazeloto apresenta seu “A velocidade necessária”, em que trata das dinâmicas mais ágeis, não apenas da comunicação, mas da vida humana, o que talvez fosse uma discussão para figurar no ~~começo~~-início do livro. Deste texto em diante, o paratexto é composto por um glossário e informações sobre os autores.

A obra *Hipertexto, Hipermissão* cumpre bem um papel de referência para iniciantes. Os textos oferecem retratos das novidades no mundo das mediações tecnológicas, especialmente para o fazer jornalístico; e a obra pode estimular a curiosidade daqueles que pretendem realizar pesquisas que contribuam para o edifício teórico ou metodológico das investigações em linguagens e mediações.

FERRARI, Pollyana (Org.). *Hipertexto, Hipermissão*. As novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007. 192p.

Ana Elisa Ribeiro é Doutora em Linguística Aplicada UFMG; professora do Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

E-mail: anadigital@gmail.com